EXERCÍCIO 2

FLC 1258 Estudos de Línguas Crioulas, 2011

Prof. Gabriel Antunes de Araujo e Profa. Márcia Santos Duarte de Oliveira

Nome: _____ Turma: _____

Entregar no dia 29 de setembro de 2011 (impreterivelmente)

QUESTÃO I

- Observe os dados a seguir:

1. **Pidgin Hawaiano (**período: 1830-1930) – Bickerton (1990: 120, dados renumerados). A glosa em português e a tradução livre são nossas.[1]

(1.1) – falante japonês

Ifu	**laik**	**meiki,**	**mo**	**beta**	**make**	**time,**	**mani**	**no**	**kaen**	***hapai***
if	like	make,	more	better	die	time,	money	no	can	carry
se	gostar	fazer,	mais	melhor	morrer	tempo,	dinheiro	não	poder	carregar

"Se você quiser construir (um templo), você deve fazer isso antes de você morrer – você não pode levá-lo com você!

(1.2) – falante coreano

Aena	**tu**	**macha**	**churen,**	**samawal**	**churen,**	**haus**	**mani**	**pei**
and	too	much	children,	small	children,	house	money	pay
e	também	muita	criança,	pequena	criança,	casa	dinheiro	paga

"E eu tinha muita criança, criança pequena, e eu tinha que pagar o aluguel"

(1.3) – falante filipino

Luna,	**hu**	***hapai?***	***Hapai***	**awl,**	***hemo***	**awl**
foreman,	who	carry?	carry	all,	cut	all
patrão/feitor	quem	carregar?	carregar	tudo	cortar	tudo

"Quem vai carregar isso, Patrão?Todo mundo vai cortar isso e todo mundo vai levar isso"

[1] BICKERTON, Derek. 1990. **Language and Species**. Chicago: University of Chicago Press.

2. **Guineense** (Kriyol) – Kihm (1994: 91). A tradução é nossa.

Tudu	**ku**	**na**	**pasa**	**el**	**i**	**ta**	**sibi**
tudo	que	A[2]	acontecer	Ele – [TOP]	ele	A	saber

"O que quer que aconteça, ele sabe sobre isso (sobre o fato)"

3. **Saramacan** – Bakker, Post, vand der Voort (1994: 250- 252; dado (1a), renumerado).[3]

Marca zero: verbo não-estativo – passado simples

Mi	**nján**	**dí**	**físi**
eu	comer	o	peixe

"Eu comi o peixe"

- Observe ainda os excertos:

> *[...] Uma língua crioula tem sido definida como um pidgin nativizado. É o que resulta quando um pidgin, criado por adulto, é aprendido por crianças a partir daqueles adultos. Porém, o fosso entre um pidgin e o seu crioulo associado, em termos de estrutura formal, é imenso. [...]*
>
> Bickerton (1990: 168)

> *De acordo com Holm (2000), (2004), línguas crioulas se diferem de outras línguas completamente reestruturadas como as 'misturas bilíngues' (também chamadas de 'intertwined languages'), por exemplo, que se desenvolveram fora de um 'continuum pidgin' (ou pré-pidgin). [.....]*
> *Na pidginização, os falantes de um superstrato (ou língua fonte do léxico) – por definição, o grupo mais 'poderoso' política e socialmente – cooperam com falantes de línguas do substrato – sem influência social – para criarem uma língua do tipo emergencial. Isto ocorre a fim de que preencham uma necessidade de comunicação com propósitos específicos (ex.: comércio). Esta 'cooperação' ocorre pela ausência de uma língua em comum. Logo, os falantes das línguas do substrato têm a tarefa, nesse processo, de aprender o léxico do superstrato. No entanto, a fim de facilitar a compreensão, os falantes da língua do superstrato imitam a forma como os falantes das línguas do substrato falam sua língua (o superstrato). Logo, o resultante pidgin, embora possua algumas normas, não é a língua nativa de nenhum dos grupos que a falam. Devemos ainda dizer que: (i) as línguas, nesse tipo de contato, não são proximamente relacionadas, pois se assim o fossem o resultado seria uma koiné e não um pidgin; (ii) a distância social entre os falantes da língua do superstrato e as do substrato é mantida durante os processos de comunicação, pois de outro modo, esses falantes afinal poderiam aprender, com naturalidade e certa perfeição, a língua um do outro.*

[2] Abreviaturas: A [Aspecto]; TOP [Tópico].

[3] BAKKER, P., POST, M.; VOORT, H. van der. 1994. TMA Particles and Auxiliares. In: J. Arends; P. Muysken; N.Smith. (eds.). *Pidgins and Creoles: An Introduction.* Philadelphia, USA: John Benjamins, p. 247-258.

> *A pidginização produz uma língua não nativa, reduzida e simplificada (que pode ser expandida por gerações ao encontrar novas necessidades comunicativas). Diferentemente, a crioulização produz uma primeira língua bem estruturada que retém alguns dos traços do seu pidgin ancestral, mas que é, em essência, tão complexa como o é qualquer outra língua natural, mesmo sendo estigmatizada por razões sociolinguísticas.*
>
> Oliveira & Holm (2011: 30)[4]

- Com base nos dados desta questão I e nos excertos:

(1) Aponte, nos dados, as principais características léxico-gramaticais de uma língua pidgin – leve em conta os excertos.

(2) Aponte, nos dados, as principais características léxico-gramaticais de uma língua crioula – leve em conta os excertos.

QUESTÃO II

- Observe os dados a seguir:

1. **Mandinka** – Kihm (1994: 83, dado renumerado).[5] A tradução da glosa e tradução livre e ainda a inserção do negrito são nossos.

N	**tá**	**táa**	**bólong**	**dáa**	**le**	**la**
eu	TMA	ir	rio	lado	ENF[6]	PREP[7]

"Eu vou para o outro lado do rio" (há ênfase nesta enunciação do falante)

2**. Chinês** (variedade de Beijing ou Pequim) – Rosa (2000: 36)[8]

wǒ	**mǎi**	**júzi**	**chī**
eu	comprar	laranja	comer

"Eu comprei laranjas para comer"

3. **Português**

Nós os ajudaremos a fazer estas análises

[4] OLIVEIRA, M. S. D. de; HOLM, J. 2011. Estruturas-QU Fronteadas e o 'Foco Gramaticalmente Controlado' – A Participação de Línguas Africanas em Línguas Parcialmente e Completamente Reestruturadas. *Revista PAPIA 21*, p. 23-38.

[5] KIHM, A. 1994. *Kriyol Syntax: the Portuguese-Based Creole Language of Guinea-Bissau*. Amsterdam, the Netherlands: John Benjamins.

[6] Ênfase.

[7] Preposição.

[8] ROSA, M. C. 2000. *Introdução à Morfologia*. São Paulo: Contexto.

- Observe ainda os excertos:

> *As far as the realization of Tense-Aspect is concerned, languages seem to belong to (a least) two major categories. The first, of which Portuguese is a typical representative, exhibits morphological incorporation of the TA values into the verb forms […]. Consider, e.g., Portuguese* ***vejo*** *'I see' vs.* ***vi*** *'I saw'. Those are the languages traditionally called "inflectional" […]. In the second group of languages, no morphological incorporation occurs; TA features*[9] *are either not spelt out (e.g. Chinese), or appear as autonomous or cliticized words (so-called 'particles').*
>
> Kihm (1994: 84). A nota de rodapé é nossa.

> *[...] A tipologia linguística de base morfológica foi proposta por August Von Schlegel (1767-1845) e desenvolvida por outros linguistas, dentre eles August August Schleichher (1821-1868). Considerando que uma língua é composta de significado e relação, Schleichher proporia três tipos de línguas [...]- (a)* ***línguas isolantes****: os sons indicam apenas os significados das raízes; a relação gramatical decorre da ordem das palavras.[.....]*
> *(b)* ***línguas aglutinantes****: a raiz é invariável e por isso os elementos a ela apostos para a expressão de som e significado são facilmente depreensíveis.[.....]*
> *(c)****línguas flexionais****: "os elementos de significado e de relação fundem-se ou são absorvidos numa unidade mais alta, sendo a raiz suscetível de modificações internas, bem como os afixos, ao denotar a forma" […]. Por exemplo, a terminação –o do latim* ***amo*** *indica que a forma é primeira pessoa do singular do presente do indicativo ativo. [.....*
> *.....]A linguística de base morfológica do século XIX recebeu críticas, por nada de relevante se seguir de estabelecimento e porque as línguas não se incluem nitidamente num único tipo [...]. Isto não significa dizer, porém, que estudos tipológicos são desprovidos de interesse; tampouco que nada mais de interessante se fez nesse campo desde então."*
>
> Rosa (2000: 36)

- Com base nos dados desta questão II e nos excertos:

(1) Observe os traços gramaticais ligados a TMA dessas línguas, comparando-os com dados de línguas crioulas – apresente exemplos de, no mínimo, duas línguas crioulas do Atlântico (*pesquise dados diferentes dos apresentados neste exercício, indicando sua fonte*);

(2) Desenvolva considerações sobre a 'tipologia linguística de base morfológica' em que línguas crioulas do Atlântico poderiam ser enquadradas (leve em conta os traços gramaticais TMA); aponte para questões que intrigam os linguistas, relacionadas à tipologia das línguas que entraram na formação dessas línguas crioulas: línguas do oeste da África e línguas européias.

[9] Traços de tempo e de aspecto.